

15 JAN 1987

DF- Brasília

Mostra o lado humano da cidade

Felizmente Brasília foi perdendo aos poucos a fama de cidade-dormitório. Deixou-se de falar sobre a frieza de sua arquitetura e parece que todos juntos começaram a descobrir uma cidade mais humana. Os grandes shoppings garantem a moda trazida das grandes capitais, e Brasília não fica mais a desejar a respeito disto. Os artistas que frequentam o eixo Rio-São Paulo também já se apresentam na Capital. Isto quer dizer que podemos colocar Brasília em pé de igualdade. Uma cidade como tantas outras, se não fosse o "Poder" nosso vizinho...

Fora isso, vamos descobrir as coisas que fizeram ou tornaram-na mais humana. As esquinas continuam sem existir, mas não se sente falta. Enquanto isso, os bares continuam cheios, num fim de semana que geralmente começa na quinta-feira. Agora não é apenas a 109 Sul que fica lotada. Há opções para todos os gostos, em várias partes (quadras).

Os cinemas também continuam a lotar, principalmente nos fins de semana, apesar de muitos dos filmes ficarem em cartaz várias semanas. Teatro nesta época do ano é inexistente. Mas vai melhorar na próxima semana com a Mostra de Teatro de Verão 87, trazida pelo Inacen. Isto, junto com a 1^a. Internacional, que está sendo realizada pela Fundação Cultural e não deixa que a cidade culturalmente fique jogada às moscas. Não podemos esquecer também o XII Festival Internacional de Verão promovido pela Escola de Música de Brasília.

Tudo isso pode ser levado em conta, mas o que pesa mesmo durante todo o ano e até no período de férias, é a atividade realizada pelo "camelô cultural", que se distingue entre tantos outros. Não é aquele que vende roupas, sapatos, bijouterias, comidas regionais, etc. Eles estão em toda a parte — Setor Comercial Sul, em frente às lojas da W/3, próximos à Torre de Tv e nela.

Seu número é infinito, e muitos deles nem sabem como chegaram até lá, devido as muitas atividades que já exerceram. Daniel Gomes, por exemplo, vende quadros, esculpidos em madeira. Diz que já vendeu tantos que perdeu a conta. "Tenho 45 anos, e desde moleque comecei a fazer este trabalho, junto com meu pai. Teve uma época em que a vendagem estava difícil e ai mudamos de ramo. Há cerca de 10 anos voltei a fazer este trabalho, tendo trabalhado algum tempo na Torre de Tv, passado por algumas quadras da

W/3 Sul e chegado ao Setor Comercial. Arte para mim é tudo. (profissionalmente) e ainda meu sustento, junto com a família. Meus filhos também já estão começando a aprender, embora deseje para eles uma profissão mais estável.

Daniel produz diariamente de três a quatro quadros, trabalhando no próprio local, e poderíamos pensar que em sua casa guardasse muitos deles. "Que nada. Casa de ferreiro, espeto de pau, não guardo nenhum. Gosto de ver minha obra apreciada pelos outros, ela não foi feita para ficar guardada. Sei que todos gostam, porque vendo quase tudo".

A feira da Torre de Tv é a que reúne um número maior destes artesãos, que chamamos de "camelôs culturais". Muitos deles ficaram surpresos com a designação. Uns gostaram, outros não. Ali é que tem uma variedade grande de objetos de arte. A produção é grande durante a semana para que no final desta o público encontre um número grande de opções.

O público comparece em massa nos fins de semana à Feira da Torre, e muitos comparecem somente para olhar, por curiosidade, já outros são fregueses assíduos. Carmelita Santos e Silva diz que seu passeio de domingo é a feira e gosta muito de levar conhecidos seus que estejam na cidade a passeio. "Ficam todos encantados, principalmente os cariocas. As flores do cerrado são realmente o destaque para eles. Arecio o trabalho desses artistas, tanto das flores, como das esculturas em pedra sabão, no tear, em corda e todos os outros".

A quantidade de bancas que compõem a feira da Torre de Tv é grande, e agora está maior ainda, com a participação de outras bancas de camelôs, que muitas vezes chegam próximo à Rodoviária.

Observando Brasília hoje e lembrando de seu comportamento há 10 anos atrás, observaremos que de certa forma esses "camelôs culturais" trouxeram mais vida e mais calor humano para esta cidade que todos chamavam de fria. Os camelôs se instalaram na cidade e não têm queixas, principalmente do "rapa" que felizmente se esqueceu deles, deixando em paz aqueles que de alguma forma colaboram para esta **força viva**, que existe na cidade e está sendo descoberta aos poucos por todos. Brasília enfim tem um espaço para sua arquitetura, sua arte, sua gente e as "decisões".